**As ansiedades da civilização 4.0**

Eram 13:35 horas do dia 15 de março e eu estava revisando a terceira edição do livro “De técnico e de humano”, já no prelo da Editora da UFSC, quando me deparei com o texto de Mumford que, sem dúvida alguma, se coaduna com o momento civilizatório que estamos vivendo atualmente. Não comentarei nada, apenas o reproduzirei para esta mensagem do coordenador do mês de abril. Sei que ainda é cedo – no momento que escrevo – para isso. Mas ela não perderá a atualidade até ser postada na página. E também aproveitei para dizer a todos ficarem atentos para o lançamento deste novo livro que será por volta do mês de abril ou maio. Agora o texto de Mumford (atentem para o ano de sua publicação):

Fizemos parar a nossa íntima capacidade de criar, por força dos impulsos externos e das ansiedades sem importância, sujeitos a interrupções constantes pelo telefone, pelo rádio e pela imprensa insistente, medindo as nossas vidas pelo movimento de uma esteira rolante que não podemos controlar. Ao mesmo tempo, damos importância ao estômago, aos músculos, ao aparelho genital – aos reflexos animais, que produzem consumidores obedientes, homens domados, súditos políticos escravizados e autômatos que se movimentam por meio de botões. A falta de reação ante uma situação dessa ordem é um sintoma da própria doença que a provocou. Ao contrário das suas máquinas eletrônicas de pensar, a civilização moderna construída pelo homem não é tão planejada que, ao ocorrer um erro em seu corpo, dê o sinal de alarme e pare de funcionar. Na verdade, os nossos sentimentos e emoções, que normalmente deveriam dar esses sinais, foram deliberadamente extirpados, para que a máquina pudesse trabalhar mais suavemente. Pior que isso, as nossas mentes se acostumaram tanto com o que é especializado, fragmentário, particular, e é tão incomum encarar a vida como um sistema dinamicamente inter-relacionado, que não podemos, por nós mesmos, reconhecer quando a civilização em sua totalidade está em perigo, nem aceitar imediatamente a noção de que nenhuma parte dela estará salva ou intacta, antes que o todo esteja reorganizado. Daí o falso tom de otimismo que os povos continuam a exibir, não obstante ponderáveis áreas da civilização já estarem destruídas e de existirem setores, talvez ainda maiores, a ponto de perderem a sua importância. (MUMFORD, 1959, p. 23-24).

Prof. Walter Antonio Bazzo – coordenador

walter.bazzo@ufsc.br